



Vol. 15, nº 2, (2018)

## MÁRIO QUINTANA, RESISTÊNCIA E MEDIAÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA

\*\*\*

## MÁRIO QUINTANA, RESISTANCE AND MEDIATION OF READING IN SCHOOL

Klleber Moreira de Mendonça Júnior<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 10/09/2018

**Data de aceite:** 30/10/2018

**RESUMO:** A poesia de Mário Quintana pretende, neste trabalho, ser analisada no que tange suas características, principalmente acerca da perspectiva da resistência, encarada pelo autor estudado no seu “Poeminha do Contra”, dentre a gama de poemas humorados que possui, traçando um diálogo para esse texto para com sua mediação e ensino dentro da sala de aula, na intenção de apresentar uma estratégia que contemple a leitura desse tipo de texto. Para tanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, utilizando autores para iniciar esse estudo com uma breve discussão sobre gênero lírico como Hegel (2000) e Emil Staiger (1975). Sobre Poesia e Resistência em Mário Quintana, com suporte de Alfredo Bosi (2000). Sobre Mediação, leitura de ensino autores como Rildo Cosson (2012) e outros da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia. Intenta-se, portanto, com essa discussão, contribuir para a construção de mediadores e sua mediação na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mário Quintana; Resistência; Mediação; Ensino de poesia.

**ABSTRACT:** The poetry of Mário Quintana intends, in this work, to be analyzed in its genre, to have a perspective on the perspective of his life, to face the author of his poetry, as well as a range of humorous poems, dialogue for the text with his mediation and teaching in the classroom, with the intention of presenting a strategy that contemplates a reading of this type of text. For this, a bibliographical research was used, using authors to begin the study with a discussion about the lyrical theme as Hegel (2000) and Emil Staiger (1975). On Poetry and Resistance in Mário Quintana, supported by Alfredo Bosi (2000). About Mediation, reading by authors like Rildo Cosson (2012) and authors of the Goiana Network of Research in Reading and Teaching of Poetry. In this way, he tries to contribute to the construction of mediators and their mediation in school.

**KEYWORDS:** Mário Quintana; Resistance; Mediation; Poetry teaching.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários e Interculturalidade, na Universidade Estadual de Goiás – UEG.  
Contato: kchago@hotmail.com



## **Introdução**

A poesia lírica é uma das manifestações artísticas mais antigas existentes na cultura humana. Esta discussão pretende trazer a voz da poesia do poeta brasileiro Mário Quintana, interseccioná-la com uma das suas características mais empáticas, a resistência de seu discurso poético no outro e através dele, além de pensá-la dentro do contexto da mediação e leitura de poesia na sala de aula.

Assim, o primeiro tópico discutirá sobre os conceitos de poesia lírica dentre os seus mais elementares, seu movimento dentro da poesia de Mário Quintana e sobre a sua mediação durante a leitura na sala de aula. O segundo tópico trará a cena de análise a questão da resistência e indiferença na poesia de Mário Quintana, trazendo uma interpretação do “Poeminha do contra” desse mesmo autor, justificando como forma e conteúdo desse texto poético contribuem para sua análise em sala de aula. Por fim, será feita uma exemplificação sobre como mediar esses poemas e outros do mesmo autor, através da estratégia do “Poema pílula”, desenvolvida pelo grupo PIBID de 2015, da Universidade Estadual de Goiás, *campus* São Luís de Montes Belos – GO.

### **À guisa de situar e conceituar poesia, leitura e mediação**

Mário Quintana, como poeta, é uma exceção em subjetividade. Nele, ela dialoga entre a resistência e a indiferença humorada da linguagem. Os *haicais* delineiam, na criação poética desse autor, a sobriedade do sujeito lírico ao apalpar o chão das situações mais corriqueiras. Assim, sua poética desenvolve um estilo cujos elementos, como afirma Bosi (2000, p. 169),



“contradiz(em) o ser dos discursos correntes” pelo cruzamento do jogo verbal estabelecido pela e na linguagem do poema. Essa maleabilidade permite, assim, o aproximar do sujeito lírico e do sujeito leitor ao poema. Característica essa que para o campo do ensino de poesia é fundamental porque favorece os processos de mediação de leitura no contexto da sala de aula.

A subjetividade advém das manifestações proporcionadas pelo gênero lírico nas diferentes formas de arte existentes no mundo. Hegel, na sua *Estética* (1993), assinala que “na poesia domina é a subjectividade da criação poética nas obras mais concretas” (p. 607). Sob essa perspectiva, o olhar sobre a subjetividade (re)cai sobre as noções de sentimento, paixões e virtudes, ou seja, o que há de mais profundo e humano na existência do ser. A subjetividade aponta para sujeito lírico do texto, mas também para as experiências dos sujeitos leitores do mesmo, pois é ela produto do movimento psíquico catalizador de imagens capazes de “trans(ler)” essas experiências poéticas, sendo assim metalinguagem. Ainda, para Hegel (2000):

A interioridade constitui a verdadeira realidade do mundo exterior. Se assim é, a exterioridade, externalização ou saída do indivíduo para fora de si mesmo, só poderá ter sentido de libertar a alma do seu estado de concentração directa, de um estado incompatível com representações mentais ou com palavras que as exprimam; graças à libertação, já alma é capaz de se exprimir e de dar aos sentimentos, até então obscuros, a forma de intuições e de representações conscientes. É esta a missão essencial da poesia lírica e aquilo que difere da poesia épica e da poesia dramática (p. 607).

A ideia tracejada por Hegel põe à lírica uma definição *vis a vis* com o interior dos sujeitos de linguagem. E são dois sujeitos em um só, o sujeito que saí “fora de si mesmo” – sujeito lírico – na busca da liberdade de expressão de seu próprio exterior, e o sujeito leitor, ou aquele que tem sua liberdade de



expressão na experiência de uma linguagem “incompatível com representações” e com as “palavras que as exprimam”, quer dizer uma linguagem para além da linguagem comumente empregada na referenciação das coisas. Por isso, a dificuldade de Aristóteles em definir o gênero lírico, diferente do gênero épico e dramático, como diz Hegel. Essa linguagem que fala para além da sua propriedade de significado e forma é a da poesia.

Há um princípio que diz que “a boa poesia é aquela que nos lê enquanto a lemos”. Tal enunciado anedótico, traduz um sentido de aprofundamento das bases de expressão imagéticas do próprio texto na sua essência constituidora e nos seus recursos expressivos dentro do “movimento do interno para o externo”, o qual orienta Hegel. Dessa forma, a metáfora é a imagem capaz de fazer leituras no fio da experiência entre o sujeito e o mundo.

Porém, o conceito de metáfora e, obviamente, de poesia exigem uma compreensão para com o conceito de leitura. Paulo Freire, em seu livro *A importância do ato de ler*, assinala que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p.11). Nesse contexto, a leitura de poesia também, assim como a leitura usual, referencial, é uma leitura de mundo, todavia muito mais complexa que essa. Ler poesia, primeiro, é ler para o poeta, ou melhor, é a leitura que o poeta faz dos sentidos por ele ‘captados’ nas bases do movimento do poético. Ao assumi-lo, ele irá, portanto, trazer seus sentidos em forma de texto, e, *a posteriori*, a sua criação, ao inocular a “seiva lírica” da linguagem, haverá feito, em primeiro plano, a primeira “leitura da poesia”. Em segundo plano, após o conhecimento do público sobre obra do autor, pode esse ler, decodificar, e, caso comporte um estado de ânimo durante a leitura “próximo daquilo que o poeta sentiu” (STAIGER, 1975), ter-se-á a poesia sua segunda leitura. Contudo, será uma leitura



complementar ao efeito poético, pois o poético é uma soma de leitura de leituras, em diversos níveis de sua gênese, até a sua concepção lírica.

A leitura de poesia exige, sob todos esses vieses apresentados, a definição de leitura pela experiência do objeto estético. Rita Márcia Magalhães Furtado, no texto *A experiência estética como experiência formadora* (2009), a partir das bases epistemológicas da fenomenologia da recepção estética de Dufrenne, discute, em suas conclusões sobre o tema, que as possibilidades de experiências no objeto de arte propõem “várias possibilidades, de ser no mundo e estar-no-mundo, sendo atravessado por acontecimentos ao mesmo tempo em os atravessa” (FURTADO, 2012, p. 142).

Esse tipo de leitura, ainda segundo essa autora, exige uma apreensão do sensível, um refinamento da percepção, ou seja, requer uma exigência na postura estética dos entes envolvidos no processo de apreciação/leitura do objeto estético.

Para Rildo Cosson, a exigência na postura estética deriva inicialmente pela figura do mediador. Ele, segundo esse autor, é responsável pela condução da “leitura” e motivação dos entes envolvidos nesse processo, que por envolver roteiros estéticos e educacionais é contínuo e complexo. O Letramento literário, para Cosson (2012), percussor das discussões sobre o assunto no Brasil, considera a experiência no sentido de formação do ser consciente de sua existência perante ao movimento da diversidade de tipos de textos (gêneros) da esfera artística. Para autor, é plausível que:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavras na narrativa e a palavra feita matéria de poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra se permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam



Vol. 15, nº 2, (2018)

de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2012, p. 17)

A formação é o processo que molda a ideia “pedagogizante” sobre o que fazer para” ensinar poesia na escola”. O texto literário, como diz a citação, é um aprendizado obtido pela experiência apreendida por meio do objeto estético. Porém, o como e sobre quais contextos ensinar é que movimentam a intriga dessa narrativa nada poética. Jamesson Buarque, assim como Rildo Cosson, pensa esse movimento como produto da atuação dos mediadores no meio escolar. Na visão daquele, o ensino de poesia, ou melhor, literatura, pode ser enxergado de duas maneiras distintas: “o sistema integrado à ...” e “como um sistema em si”; quer dizer, o primeiro considera para além da apresentação do próprio texto os conhecimentos de estrutura e teoria em literatura, já o segundo tem como foco o próprio texto artístico. Em Cosson (2012), a questão não é muito diferente, porém, ele trata a primeira terminologia por “Leitura escolarizada”.

A sugestão dada por esses dois autores no cerne de suas discussões é que o texto literário seja o alvo da orientação para uma experiência estética eficiente em sala de aula.

A leitura de Mário Quintana, por exemplo, deverá considerar o texto e seus dados interpretativos sobre o sentido (conteúdo), amparada de maneira contextualizada sobre a exposição da forma, que, na intenção de trazer o aluno para o texto e a sua realidade subjetiva, o levará a compreender o sentido do literário, diferente do sentido atribuído ao literário como um mero jogo de rima e métrica, como habitualmente é ensinado na sala de aula à via tradicional.



## Poesia, Resistência e Escola

A poesia lírica toma uma consciência crítica, se é que isso seja possível, perante a vida e a existência cotidiana naquelas em que a vida é representada na essência plena de verdade (*logos*). Mário Quintana, em seus poemas de forma fixa da terminologia *haikai*, geralmente bombardeia o ser pela surpresa da linguagem durante a experiência estética da leitura do exterior para o interior dos seus texto poéticos.

Poeta do modernismo brasileiro, Mário Quintana, inspirado pelas ideologias dos concretistas, traz, nos seus poemas-bomba, a energia de uma resistência pela indiferença. A construção de seus poemas retém uma silepse estrutural de fatos na introdução poemática e sua revelação surpresa da linguagem poética no seu fecho.

O trato dos sentidos do texto desse autor exige uma compreensão entre a modulação do plano do formal e do plano do significado para exalar o símbolo de resistência de seus textos. Para Alfredo Bosi (2000), no texto “Poesia e Resistência”, que posteriormente deu voz a um volume a parte com o mesmo título, diz que a resistência infere-se pelo poder de nomear atribuir pela linguagem. Para esse teórico, “o poeta é o doador de sentido” (p. 163). Assim, como em Mário Quintana, o poeta traduz o sentido de “explosão” capturado pelos modernos, contudo de forma ligada à expressar dados cotidianos da vida de qualquer gente. Sua poesia firma-se aí ao rés do chão.

Ainda em Bosi, o sentido de resistência reside na metalinguagem. A dinamização dos impulsos ideológicos e contra ideológicos na disposição linguística do texto, promovem uma espécie de estranheza e silêncio na existência dos eus. Por isso, a poesia criada por Mário ser uma poesia crítica



à margem, de preferência, das coisas simples. Essas coisas se tornam extrato da natureza humana num sentido universal.

**Poeminha do Contra**

Todos estes que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão.  
Eu passarinho!

(QUINTANA, 2005, s.p.)

O “Poeminha do Contra”, de Quintana, exala o sentido de resistência já no título. O poema é formado por uma quadra, organizada por uma estrofe de quatro versos e está alinhado por rimas cruzadas. É motivado por fechamentos abruptos desses versos, que potencializam a explosão surpresa de significação nos dois últimos. Nesses, a diversidade na escolha de palavras no nível lexical na seleção dos verbos substantivos “passarão/passarinho”, assinala, pelo campo semântico das oposições, a ideia de que “passarão” pode ser um pássaro grande, pela utilização do grau aumentativo na sua constituição enquanto palavra substância, como também, por via ambígua, pode representar os sujeitos rejeitados pelo eu lírico do poema através do movimento no eixo rítmico do texto, e outro na acepção de verbo, com a intenção semântica de diminutivo, determina a inexistência de preocupação do eu lírico com o que se passa ou pensa os outros sujeitos do poema sobre sua existência, como em “passarinho”.

Retomando Bosi (2000) sobre o conceito de resistência na e pela linguagem, o poema de Quintana enfoca, do campo estrutural para o campo semântico, um sentido ligado à poética das relações. No eixo do texto, ao apontar o sujeito lírico para todos que estão “atavancando”, atrapalhando seu caminho, diz o sujeito que todos ficarão para trás em sua caminhada, enquanto





esse transcenderá na e pela imagem do passarinho. Isso quer dizer que o sujeito não está ligando nem um pouco sobre o que pensam dele os sujeitos que falam a sua volta, tentando esses atrapalhar sua existência. Assim, a indiferença humorada tange a situação exposta, e, completa o sentido de existência requerido no agrupamento vérsico.

Essa indiferença humorada é um dos aspectos que chamam atenção e despertam para o sujeito leitor à atenção para o próprio texto. Dessa forma, o ensino de poesia, com os poemas de Mário Quintana se transformam em fonte de inspiração e vontade de descoberta do mundo pelo viés da linguagem para os alunos. A indiferença, um sentimento muito comum entre os jovens, que se recusam aos ensinamentos dos pais, dos grupos opostos aos seus, dos tabus e das regras sociais, pode através desse poema se tornar objeto de reflexão, oportunizando a construção do gosto pela leitura de poesia dos sujeitos em formação em sala de aula.

A poesia quase não lírica, mas reflexiva de Mário Quintana, é símbolo de resistência por expressar o elemento da indiferença ao outro no roteiro texto. Tal característica é até avessa aos “objetivos da poesia”, se é que para ela exista algum, sendo, portanto, a alteridade o ponto foco de seu *engagè*. A ruptura da alteridade é, nesse sentido, o projeto estético de Quintana para esse poema.

### **Proposta de leitura e mediação para o “Poeminha do Contra” na escola**

A leitura de poesia na escola revela um cuidado metodológico muito conciso por parte do mediador de leitura. Goiandira Ortiz (2012), no texto, “Leitura vocalizada de poesia”, aponta pontos importantes sobre como tratar a leitura de poesia na escola, em especial, a vocalizada. A poesia, na escola,



de modo geral, é visualizada como um texto comum, passível de perguntinhas pontuais apenas sobre sua natureza estrutural, isso quando o professor (a) regente questiona ligeira e superficialmente sobre o que o aluno (a) achou do poema, sem dar vazão ao nível fônico, rítmico e semântico com um pouco mais de profundidade, pois subestimam a capacidade de seus alunos.

O problema da formação do professor é um assunto muito complexo, e, necessita de outros estudos complementares para além deste, não só no quesito formação e a sua oportunidade no processo de crescimento da carreira docente, na interferência das políticas educacionais e curriculares, na revisão de metodologias e formas de ensinar na sala de aula e na apreensão do perfil psicológico de todos entes envolvidos no processo educacional. Desse modo, precisariam ser repensadas, numa perspectiva de análise crítica, ética e formadora, todos esses pontos citados num nível empírico para uma síntese mais ampla e concreta da questão. Nesse sentido, a intenção deste trabalho é propor uma sugestão de mediação de leitura para trabalhar a poesia de Mário Quintana na escola, de modo a permitir ao aluno enxergar, tomar gosto e (re)conhecer-se dentro do mundo da poesia.

A leitura vocalizada de poesia requer conhecimento básico dos alicerces do campo do texto literário, e, de modo geral, como assinala Goiandira (2000), o mediador deve ser um leitor de poesia. Assim, conhecimentos essenciais como ler no ritmo certo, na disposições estruturais que o texto apresenta serem tão importantes para ação prático-metodológica da leitura de textos poéticos. Vocalizar um poema está além do movimento de fazer uma leitura oralizada de um texto comum, referencial, mas é pelo poema saber captar em si, enquanto leitor e nos outros, a gama de subjetividade que o poema é capaz de exprimir.



Na leitura de Mário Quintana para sala de aula é possível sugerir, como auxilia a proposta do Caderno de estratégias para leitura de poesia. Projeto Pibid: UEG 2015, a leitura de diversos poemas do autor pelo “Poema pílula”. Essa estratégia requer organização de material, ora barato, de cápsulas de pílulas capazes de serem encontrados em farmácias de manipulação. Para o planejamento, o mediador poderá fazer uma leitura mais profunda dos textos e escolher poemas curtos para caberem dentro das cápsulas, de preferência *hacais*, como os de Quintana, e entregar uma pílula a cada aluno e colocá-los para ler um de cada vez em voz alta, por exemplo. A ideia pílula é proposta como artifício capaz de trazer o aluno à aula, já que o mesmo reclama muito das aulas tradicionais e da falta de “aulas diferentes”.

Após a leitura, o professor pode trabalhar traços individuais de cada poema, explorando a estrutura, os efeitos das rima e métrica, contudo dando espaço ao sentido provocado pelo texto poético e a subjetividade do aluno, sempre questionando-o sobre os significados causados pelo texto durante a leitura e a que conclusão o mesmo chegou sobre ele, pois são esses os traços das respostas pela mediação que enriquecem a leitura realizada.

Assim, a valorização da leitura de poesia, em especial de poetas brasileiros, como Mário Quintana, tem, neste entender, a sua notoriedade e valia dentro da escola, além de contribuir para desenvolvimento humano do indivíduo em formação. A sugestão dada é uma tentativa de proposta metodológica de mediação em sala de aula e, para sua efetivação, a integração da turma e o silêncio em aula se fazem necessários, caso o contrário a tentativa de mediação será um desastre. Por isso, o planejamento e jogo de cintura do professor nos momentos de mediação sejam fundamentais.

Nesse roteiro, entende-se a poesia da resistência ao indiferente de Quintana como aspecto salutar para apreensão do poema analisado,



principalmente durante a escolha de sua mediação na escola, pois além de divertida, ela conversa com a realidade do mundo das relações estabelecidas entre os jovens contemporâneos e os, entretém, de modo a fazê-los aprender de modo prazeroso e eficiente, além de ter uma experiência estética de leitura pela via do poético.

### **Considerações finais**

A apreensão da leitura estética dos poemas de Mário Quintana, levando em consideração suas características mais caras, como a resistência do indiferente, são importante para formação do sujeito em desenvolvimento dentro dos processos de mediação dentro da sala de aula. Assim, é possível serem trabalhados os mecanismos de subjetivação do aluno e sua experiência com o poético, proporcionados pelos textos de natureza estética como poema.

Nesse sentido, o trabalho apresentado intencionou mostrar essas características da obra do autor estudado, sua aplicação no processo de mediação na sala de aula, com suporte de análise de poema-base, além das principais preceitos metodológicos, com margem teórica experiente no tema, para aplicação na sala de aula. Nesse sentido, as intenções perante esta discussão foram satisfatórias, porque podem ser entendidos como saberes fundamentais para a formação professores no ensino e mediação de poesia na sala de aula.

Portanto, a mediação via estratégia de leitura não é um trabalho fácil, pois exige (re)pensar o desafio da educação nas mais diversas densidades do saber humano. Porém, mostra-se também ser algo fundamental desde seus primórdios entre as barras dos pedagogos da Grécia Antiga na história da humanidade. A poesia não prevê a intenção de ser ensinada, mas logra a



capacidade de ser transmitida e passada à apreensão da linguagem humana, de geração em geração, desde as mais remotas civilizações. Assim, encantando todos os indivíduos que dela deleitam e deleitaram e se deleitarão à baila dos tempos. Para essas amplitudes de análise, Mário Quintana compete como um poeta fundamental.

## Referências

- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Poesia e Resistência. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BUARQUE, Jamesson; BARROS, Deusa de Castro. **Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético**. Por uma desestabilização da leitura de poesia no Ensino Médio. Orgs. CAMARGO, G. O.; Guimarães, M.S.B.; SILVA, D. C. S. Cànone Editorial: Goiânia, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2º ed. Contexto: São Paulo, 2012.
- FURTADO, Rita Márcia Magalhães. **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. A experiência estética como experiência formadora. Org: COELHO, Ildeu M. Editora PUC Goiás, Goiânia, 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- HEGEL, G. W. Friedrich. **Estética. II**. A poesia lírica. Guimarães Editores: Lisboa Editores, 1993.
- QUINTANA, Mario. **Mário Quintana: poesia completa**: (Org. Tânia Franco Carvalho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- ORTIZ, Goiandira. **Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético**. Leitura vocalizada e poesia. Org: CAMARGO, G. O.; GUIMARÃES, M.S.B.; SILVA, D. C. S. Cànone Editorial: Goiânia, 2012.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais de Poética**. O lírico: A Recordação. Ed. Cultrix: São Paulo, 1975.

*Este texto é de responsabilidade de seu autor.*